

Pra ficar mais bonito

Agora está confirmado o que antes era quase uma certeza e, claro, um desejo coletivo dos brasileiros. A Copa de 2014 será mesmo no Brasil. A Fifa, diretamente de Zurique, disse SIM ao nosso país no dia 30 de outubro de 2007.

TEXTO: DR. MAURÍCIO MURAD *

Para 2014, fomos o único concorrente, igual a 1950, quando sediamos o Mundial, o primeiro depois de 1938 na França. Depois deste houve a interrupção, por 12 anos, devido à Segunda Guerra Mundial, entre 1939 e 1945.

O Brasil já tinha recebido os inspetores da Comissão de Inspeção da Fifa, que viajaram pelo país e gostaram do que viram por aqui, o que foi animador. Mas é a partir de agora que tudo vai começar efetivamente. Então, temos que nos preparar, trabalhar muito, ter muito espírito público e inteligência administrativa, sensibilidade social e sentido pedagógico. Isso tudo pra ficar mais bonito.

No futebol, somos vitoriosos dentro de campo. Não há outra nação com os nossos números. É preciso agora que venham as conquistas fora de campo, conquistas de que tanto necessitamos. Vamos ter que aprender a cumprir prazos, metas e compromissos; elaborar orçamentos e gastar o dinheiro com responsabilidade; ampliar os ganhos com um evento do futebol para além do futebol.

Até porque a Fifa e seus patrocinadores ajudam, mas exigem; investem, mas cobram. As auditorias a partir de agora serão trimestrais e rigorosas. O país escolhido hoje pode ser descredenciado amanhã. É preciso muito cuidado e atenção dobrada. Não temos o direito de desperdiçar uma oportunidade dessas.

Futebol é coisa muito séria para ficar somente nas mãos, nas decisões de uns poucos. Futebol é patrimônio cultural e a Copa é uma grande oportunidade. Por isso, uma Copa do Mundo de Futebol tem que ser obra de toda uma coletividade, trabalho de

toda a sociedade. E isso, claro, pra ficar mais bonito, para a sociedade brasileira explorar ao máximo as possibilidades sociais, culturais, educacionais e outras de um megaevento da grandeza de uma Copa do Mundo. São muitas as possibilidades e alternativas.

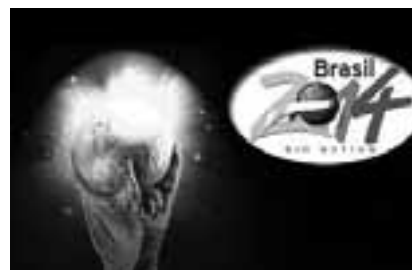
Ao trabalho!

Como organizar um megaevento esportivo segundo os padrões internacionais fixados a partir das Olimpíadas de 92, em Barcelona, marco divisor da história da capital da Catalunha?

A primeira coisa é avaliar: 1) a última competição equivalente realizada, neste caso a Copa da Alemanha, em 2006, considerada por consenso um modelo de gestão; 2) o último grande torneio que o próprio país sediou, que foi o Pan 2007 na cidade do Rio de Janeiro; e 3) as outras pretensões do país na realização de grandes torneios internacionais, como as Olimpíadas de 2016. Diga-se que o COI já credenciou o Rio de Janeiro como candidata a cidade olímpica.

A segunda diz que as avaliações têm que ser científicas para ajudar o planejamento, a execução e o desenvolvimento do legado, daquilo que deve ficar dos jogos para a vida da cidade, do país e das pessoas nos diversos setores de atividade. Por aí, as universidades têm uma contribuição a dar, com estudos e pesquisas consistentes, de bases científicas, para que os procedimentos sejam bem fundamentados.

Então, vamos convocar uma pequena seleção de dados e informações de pesquisas realizadas sob a minha coordenação por duas universidades do estado do Rio de Janeiro, Brasil: pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e pelo mestrado da Universidade Salgado de Oliveira



(Universo). Esses resultados e sugestões, creio, poderão auxiliar as autoridades responsáveis pela tomada de decisões em relação ao Mundial de futebol de 2014.

O exemplo alemão

A Copa na Alemanha foi um projeto da sociedade alemã e uma ajuda à inclusão e ao desenvolvimento. Por mais de cinco anos o país investiu e muito em infra-estrutura, turismo, pesquisa, cultura e educação, além de campanhas na mídia, nas ruas e nas escolas, mostrando o evento como uma grande oportunidade e o futebol como patrimônio cultural. Isso, sem dúvida, auxiliou o envolvimento cultural das comunidades no projeto da Copa, o que é considerado fator básico para se alcançar bons resultados.

O lema dos quase 1 milhão de alemães, homens e mulheres, que cantaram e dançaram no último dia do Mundial de 2006, no Portão de Brandemburgo, não deixou dúvida: “a Itália ganhou uma Copa; a Alemanha ganhou uma alma”. Evidente que seria ótimo se a Alemanha ganhasse a Copa, mas bem mais importante foi aquilo que a Alemanha conquistou em outros campos e que o mundo todo soube reconhecer e admirar.



* Maurício Murad, sociólogo e professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e do mestrado da Universo (RJ), é doutor em Ciências do Esporte. Seu último livro publicado é *A violência e o futebol: dos estudos clássicos aos dias de hoje*, Editora da FGV, RJ, 2007.

A segurança pública em megaeventos é sempre prioridade para garantir os investimentos, a integridade das pessoas, a festa popular. Na Alemanha-2006 foi assim e o apoio das polícias internacionais deu exemplo e seguiu o previsto no planejamento. Segurança não pode se resumir a repressão: pesquisa, inteligência, prevenção, convivência, eis o que se faz necessário, de acordo com os padrões mais abalizados de segurança pública, hoje, no mundo.

Mais ainda, em realidades como a brasileira, com práticas de violência estruturais e históricas decorrentes de mais de 350 anos de escravidão e de uma sociedade altamente concentradora de riqueza, poder e oportunidade.

Na Alemanha, a lei foi aplicada com autoridade, rapidez e legitimidade e teve por base trabalhos científicos, estudos e pesquisas bem fundamentados, como na restrição e no controle da venda e do consumo de bebidas alcoólicas. O álcool é causa da violência em quase todos os locais do planeta.

Na Alemanha, por exemplo, a estatística acompanhava a média europeia: 7.000 delitos por alcoolismo na média mensal, com 875 feridos, sendo 200 policiais. Portanto, era uma realidade sobre a qual era preciso atuar, com políticas e projetos públicos, com controle institucional e aplicação rigorosa da lei. Isso foi feito e os seus resultados foram considerados bastante satisfatórios. Desenvolver a cooperação polícia-população e os fundamentos

socioeducacionais do esporte são pré-condições para os grandes eventos esportivos e devem ficar como legado, de acordo com a Fifa e o COI. Na Copa de 2006 e no Pan 2007, esses critérios foram considerados imprescindíveis. Na Alemanha, ao que tudo indica e pelos dados disponíveis nos documentos de avaliação da Fifa, isso ocorreu. E no Brasil, como foi isso em relação ao Pan 2007?

Balanco do Pan

Para responder a essa indagação, durante o Pan foi feito um estudo sobre a segurança e o sentido pedagógico dos jogos no Rio com 2.410 homens e mulheres de diferentes idades, classes sociais e escolaridades. Dos entrevistados, 89% sabiam muito pouco do plano de segurança. Pior que a desinformação, o objetivo de criar um conceito novo de segurança não foi alcançado para 72%, e isso porque se passou ao largo do envolvimento dos moradores para construir uma rede de apoio à ação das autoridades que ficasse. Esse envolvimento e essa rede de apoio estavam previstos como fatores de grande importância. Portanto, um objetivo que não foi cumprido, o que é grave.

Pouco será o legado do Pan para 83% dos pesquisados. A descrença nas autoridades e o sentimento de impunidade (traços históricos do país) foram muito frequentes, quase unânimes entre os jovens (14 a 25 anos), o que é ainda mais grave, já que a juventude tem a ver com o futuro. Eis as razões: “isso é só pra gringo, depois a violência volta” e “não há uma política educacional para ocupar as áreas esportivas”.

Importante: foi observado um aumento da descrença e do sentimento de impunidade após o desastre aéreo no aeroporto de Congonhas, em São Paulo, dia 17 de julho. Esse gravíssimo acidente revelou, pela dor da tragédia, muitas mazelas da vida brasileira, como a corrupção, o descaso das autoridades políticas e a impunidade.

O policiamento ostensivo, maior ganho do Pan para 78% dos entrevistados, deveria ficar porque “ajuda a

reduzir o clima de insegurança e mesmo a criminalidade”. Eles pedem também melhorias no transporte coletivo e no trânsito – “engarrafamento facilita arrastão”; na iluminação – “escuridão incentiva violência”; leis duras e ações preventivas; e integração entre município, estado e união na área de segurança, considerada essencial (93%) para melhorar a qualidade de vida em todos os bairros estudados.

Houve propostas estruturais, como aumentar o emprego e a renda, melhorar a educação e a moradia. Sociologicamente interessante é que as sugestões imediatas predominaram nas classes mais altas. As de longo alcance, nas camadas mais baixas. Já entre os jovens, de todas as classes, houve coincidência nas heranças desejadas: uma imediata – aplicar a lei – e outra estrutural – mais emprego. Ambas vistas como complementares por 67% deles.

A Copa de 2006 na Alemanha foi um sucesso. Essa é a avaliação e o sentimento dominantes. O Rio não fez feio no Pan 2007. Mas aqui deveríamos ter feito mais, controlado melhor os custos e mantido em plena atuação os mecanismos de segurança pública. Afinal, o ano pan-americano ainda não terminou, o que só ocorrerá em 31 de dezembro de 2007.

As conclusões são mais ou menos óbvias: já que a Copa de 2014 bate à porta e já que queremos as Olimpíadas de 2016, que tal estudar, criticar e aprender com quem já fez? As parcerias com a Alemanha devem crescer e se multiplicar. Dou um exemplo concreto: o que os alemães fizeram com o estádio Olímpico de Berlim pode servir como referência para a reforma inteligente do Maracanã.

Historicamente, o esporte é uma atividade socioeducativa, uma expressão das identidades culturais do lugar, um fator importante de socialização. O esporte, nem mesmo o futebol, que é o mais popular do mundo, não resolve questões básicas, estruturais de um país, mas pode ajudar em muita coisa, pode agregar valores relevantes de “consciência social” e cidadania e, assim, dar mais legitimidade aos projetos coletivos. Depende de nós. ■

